

## 5.

### **Autor – leitor – personagens : trocar tarefas para quê?**

“Desabotoar o pensamento”, experiência, reflexão, interação, construir, movimento. Essas foram algumas das palavras usadas para indicar o tipo de leitor que a obra de Lygia pretende formar. O leitor está convidado, na e pela obra, a um deslocamento constante, a uma reavaliação permanente de sua própria realidade, sem esquecer o contexto social no qual se insere. Considerando que “falantes e leitores, somos forçados a enxergar através das configurações a línguas. Isto não significa que o mundo material não exista ou não subsista sem a nossa presença. Apenas o que ele é, aquilo a que chamamos realidade, em verdade, corresponde ao sentido que lhe atribuímos: que dizer, *o mundo assim é, se nos parece.*”(Yunes, 2002, p. 17), a obra de Lygia propõe que o seu leitor possa ler o mundo e significá-lo a partir da reflexão e do contato indivíduo e coletividade. Assim, a possibilidade que o sentido atribuído à realidade, por esse leitor, caminhe na direção da transformação pessoal e coletiva se insere na proposta da obra.

Desde seu primeiro livro, *Os colegas*, há uma preocupação da autora em filiar a realidade pessoal de suas personagens ao contexto social em que vivem. Os animais desgarrados da história representam os que estão à margem de uma cidade, de um projeto social que exclui as diferenças, o desejo de liberdade, a expressão popular da arte. O encontro dessas personagens com um espaço em que sua arte, seu modo de vida ganhe legitimação – o circo – não é a solução de todos os conflitos apontados no texto, mas acena com a possibilidade da interação, da cooperação, da busca pessoal e coletiva ser um modo de lidar com as dificuldades e superá-las, ainda que parcialmente.

O mesmo vai ocorrendo ao longo de toda a obra. Em momento algum, a valorização da experiência, a transformação, a arte como um espaço de reflexão – intenções presentes na obra – apontam para a garantia de um final feliz, de uma saída afirmativa para todas as situações, antes, sublinham o fato de que é preciso pensar por conta própria, refletir, resignificar para buscar um caminho, ainda que seja o do entendimento e o da segurança para seguir na luta. É isso, por exemplo, que está em *Corda Bamba*. Maria, perdendo os pais, tem de viver com Maria Cecília, sua avó, personagem dominadora, preconceituosa, que avalia as pessoas por seu “status” social. Portanto, a menina fica impedida de ser quem

realmente é, de ter esperanças de recuperar sua vida no circo onde nasceu e onde era equilibrista, como seus pais. O processo desencadeado na narrativa é o de Maria reencontrar-se com sua memória, apagada pelo choque traumático de assistir à morte dos pais. De posse da memória, a menina pode articular o mundo a sua volta, pode voltar a ter opções. Mesmo que no presente nada possa fazer para mudar sua realidade – viver com a avó, submeter-se, aparentemente, aos valores que Maria Cecília representa – ser “dona de sua história” confere a menina “o poder” de preparar o seu futuro: “Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher.” ( Corda bamba, p. 123)

Essa relação indivíduo / sociedade está em toda obra. Por um lado cada texto apresenta uma personagem em torno da qual gira a história, mas essa personagem está sempre inserida em uma realidade social que se reflete na sua formação como indivíduo e sobre a qual as decisões e escolhas desse indivíduo também reflete. *Angélica* é uma narrativa que explicita bem essa questão. A jornada pessoal da pequena cegonha resulta no seu auto-conhecimento, na descoberta de si mesma, porém essa trajetória é deflagrada no momento em que se instala uma crise de ordem social: a pequena Angélica não admite a idéia de que as cegonhas mintam para toda a comunidade com o único propósito de garantir poder.

ANGÉLICA: Mas barriga de mãe é lugar tão legal pra guardar criança – por que é que bolaram então essa história das cegonhas?

(...)

LUTERO: Todo mundo nos respeita à beca por causa dessa bolação.

(...)

ANGÉLICA: Mas se a gente sabe que é mentira como é que a gente vive espalhando essa idéia? (...)

LUTERO: Porque é por causa dessa mentira que a gente vive bem, que a gente ganha presente, que todo mundo nos respeita, ...

ANGÉLICA: Mas se a gente sabe que é mentira, a gente não pode passar a mentira pros outros! A gente tem que parar e dizer: é mentira! essa idéia não vale! (p.70)

Enquanto Angélica se revolta com a mentira, seu irmão, Lutero, está completamente à vontade em seguir com a farsa. Fica apontado, na narrativa, o fato de as decisões pessoais influírem no coletivo, a idéia de que toda coletividade é composta por indivíduos que afetam o tecido social a partir das intervenções que nele fazem. Se as transformações pessoais resultarão em finais felizes, isso é outra história, nem sempre acontece, o importante é destacar a necessidade de construir uma relação consciente entre indivíduo e

sociedade – refletir sobre si mesmo e sobre o mundo a sua volta são elementos pertencentes ao mesmo conjunto, indissociáveis.

Em *A casa da madrinha*, Alexandre, menino pobre, que vive de biscates que faz pelas ruas da cidade para poder sobreviver, sai em busca da casa da madrinha – representação do seu lugar no mundo, já que o mundo não lhe dá lugar nenhum. Discriminado por sua condição social e econômica, o menino busca um “porto” onde possa ter esperança de futuro. A casa ele não encontra, mas encontra “a chave” para apagar o medo, e seguir na busca. O encontro com a coragem para viver a vida que tem de viver, seguindo pelas ruas em busca de uma vida melhor, uma oportunidade, só chega na interação com outras personagens: Vera, que enxerga o caráter de Alexandre além dos preconceitos; o Pavão, que vai tentando pensar por conta própria mesmo tendo tido seu pensamento costurado e filtrado; a Gata de Capa, que não abriu mão da sua liberdade e identidade. Não há um final feliz para Alexandre, a solução para seus problemas não chega, sua condição social não se altera, mas ele tem a tal “chave” – e a chave nada mais é do que a disposição para enfrentar a vida – que lhe dá segurança para continuar buscando.

Alexandre ficou olhando pra dentro da caixa. E aí, riu de contente:

- Olha a flor amarela que enfeitava o peito da porta azul. Como é que ela veio parar na minha mala? Foi você que botou ela aqui?

Vera olhou a flor; olhou Alexandre; “por que será que ele tá achando que a flor que eu botei na mala é a flor que enfeitava a porta azul? essa alamaanda é muito menor...”

Alexandre enfiou a mão na flor pra pegar a chave da casa.

Vera pensou: pronto, agora ele vai ver que é uma outra for.

Alexandre pegou a chave e guardou no bolso:

- Que legal! Agora vou viajar com a chave da casa no bolso; não vou ter mais problema nenhum. Lembra o que o Augusto falou?

Vera ficou olhando pra flor sem entender.

- Não lembra não, Vera ? Eu te contei. Ele disse que no dia que eu botasse a chave da casa no bolso, o medo não ganhava mais de mim. (...) Agora eu posso viajar toda a vida. Quando o medo bater eu ganho dele e pronto.

(...)

Se abraçaram. Forte, depressa.

Alexandre pendurou a mala no ombro e foi andando; o Pavão emparelhou com ele. Foram sumindo e sumindo; e aí sumiram de vez numa dobra do caminho. (p. 93-94)

Alexandre lê na flor o que Vera não pôde ler. Leitura é um ato de significação e o leitor precisa estar preparado para ler palavras, o mundo, a vida, de um modo singular, reflexivo; a significação depende da capacidade de contextualização dos dados, de um

movimento interativo, portanto, é uma construção que possibilita ao leitor transformar-se em sujeito, não só de suas leituras, mas também de suas escolhas, tomar posse do seu lugar no mundo. Assim,

O movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza afetos, a percepção e a razão convocados a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é do de co-mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido, mas uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo. (Yunes, 2002, p.27).

Esse movimento complexo, lento, prazeroso e contínuo está proposto na obra de Lygia também por eliminar a distancia, ou as fronteiras, entre as instancias que permitem a realização do processo de leitura. A constante troca de papéis entre autor/ leitor/ personagens ( texto) constitui, em si, uma representação da leitura como um exercício de deslocamento do olhar, um percurso sem lugares marcados. A proposição de formar leitores, transformando experiências em escritura/leitura está formulada no percurso da própria autora na obra. Nos livros de caráter biográfico que Lygia integra a sua obra, o que se tematiza não é apenas uma visão intimista e personalizada da autora sobre sua vida, antes, são relatos comprometidos com o corpo social.

Em *Feito à mão* se recupera a noção do produtor como um artesão, aquele que não foi alienado do processo de produção do seu trabalho, aquele que transforma matéria prima em artesanato/arte com suas próprias mãos, portanto é dono do seu caminho.

(...) eu ainda não tinha me dado conta do empobrecimento a que um ser humano é reduzido ao ter que gastar um dia inteirinho de vida (...) “apertando o parafuso” de uma engrenagem da qual ela desconhece o mecanismo, não sabe em cima de que está montada, o que que gera de lucro, pra onde escorre esse lucro; não vai ter nunca a chance de assumir a responsabilidade intelectual pelo “parafuso” que aperta; uma engrenagem na qual ele representa – à medida que a tecnologia se exacerba – peça cada vez mais descartável (...) (*Feito à mão*, p. 86)

O que Lygia divide com seu leitor é essa descoberta de que a criação é um espaço livre, por que “feito à mão”, não apenas no sentido artesanal a que essa expressão remete, mas porque feito por quem tem um projeto, quem segue um caminho: o seu caminho, a sua escolha; e partir dessa escolha toca outras mãos que farão novas escolhas, novos projetos –

cria-se assim um tecido que, como aquele do poeta João Cabral, envolve todos que se vão “entretendendo” nesse fiar.

De noite eu custei a dormir. As imagens do mercado se misturavam com a lembrança dos ourives e prateiros e tecelões e cesteiros, que eu tinha visto trabalhando, numas oficinas desse tamaninho, quando, de tarde, eu voltei pro hotel. Lembrava da cara deles. Séria. Concentrada. Atenta. Lembrava a mão deles, ah! que vigor, que disposição de fazer, e de fazer bem feito, e de fazer para durar. Quantos artesãos eu tinha visto trabalhando naquele dia, e que forte era a ligação de cada um no que fazia, que intimidade tão grande com o material trabalhado! Cara, corpo e mão do artesão formavam uma liga, uma integração, um redondo com o objeto feito, meu deus! que lição de vida essa interação ser/fazer. ( Feito à mão, p.90-91)

Essa imagem da inteireza que o processo artesanal traz à mente de Lygia é, de certo modo, coerente com aquela reservada à interação autor/leitor/ texto-leitura que aparecem nos prefácios de *Fazendo Ana Paz e Paisagem* – os três pedaços da laranja. A escritura/leitura é um processo semelhante ao artesanal porque não dispensa a consciência dos que nele se envolvem com as etapas do processo de produção, nem com o resultado final desse processo – autor e leitor são responsáveis pelo que fazem, pelo texto e suas leituras.

Em *O Rio e eu*, novamente Lygia faz uso do relato autobiográfico, agora para explicitar sua relação com a cidade que escolheu como sua: o Rio de Janeiro. A voz que conduz essa narrativa, no entanto, é múltipla: Lygia-indivíduo, Lygia-autora, Lygia-leitora, Lygia-cidadã. Personalizando a cidade, se dirigindo ao Rio como a um amigo com quem se tem uma relação de intimidade vida a fora, Lygia vai contando a sua trajetória de vida, cheia de mutações, de como ela, ser humano, foi se partindo, se dividindo ao longo de seu percurso; ao mesmo tempo que sua cidade também se alterava, se partia.

A Lygia menina se encontra com o Rio no mar do Leblon, onde vence as ondas, sentindo-se campeã, esse é o primeiro sentimento que a cidade lhe oferece, num Leblon que era só “Edifício baixinho, casa, jardim, e só de vez em quando um prédio mais alto. Não passava carro nem muito ônibus, mas tinha tanta árvore espiando do fundo do quintal.”(p.28). Mais tarde, a Lygia jovem encontra uma carreira, vai ser atriz e a cidade é ainda sua companheira próxima: “(...) eu saía do teatro por volta da meia-noite. Quantas vezes eu pegava a praia (...) e vinha andando na calma até a Constante Ramos, me impregnando de maresia (...) E mesmo só na companhia de uma chuva miúda, ou até

mesmo sozinha no nevoeiro que, às vezes, baixava à beira-mar, eu andava pelas tuas calçadas numa boa, sempre achando que a tua companhia me bastava.”(p.31-32) . Anos mais tarde, porém, algo mudará nessa relação : “Foi quando aconteceu aquela coisa chata entre nós dois: comecei a desconfiar de tuas calçadas. Se era noite, ou se a rua era vazia, eu já não te curtia mais; te achava perigoso, ficava ansiosa, arranjava pretexto pra ter outras companhias e não ficar a sós com você. (...) Esse teu lado violento, que antes aparecia pouco, foi se mostrando cada vez mais e mais. Eu me encolhia. E sofria de não confiar mais em você.”(p.34-35)

Tanta relação de intimidade não apaga a consciência, apesar do tom amoroso do relato, as questões sociais aparecem declaradas na narrativa, o Rio amigo da autora é também uma cidade que se estabelecem outras relações, relações de poder, de desequilíbrio social, de injustiças, de descasos e desmandos que vão contribuindo para que a cidade de divida cada vez mais entre os que podem e os que não podem. As tensões sociais não escapam à Lygia.

Alguns dos teus traços fisionômicos que eu sempre amei demais, agora espantavam o meu olho, de tanto que me pareciam alterados, degradados. Os teus morros, por exemplo,(...) se despiam de tudo que é árvore pra se vestir de barraco, testemunhando a injustiça social que não-era-pra-ser-mas-é, a miséria que não-podia-existir-mas-existe.

Eu sei, não foi por querer. Eu sei você caiu vítima do mesmo mal que vem atacando tantos, eu sei que você não está sozinho (...) no desfiguramento causado pelo desequilíbrio econômico e social que nos assola. (p.35)

A cidade se parte tanto que Lygia resolve partir da cidade. A despedida é dolorosa, mas não há mais entendimento com a cidade que assusta, nesse momento, mesmo a clareza das questões sociais que contribuem para a degradação do espaço não foi suficiente para oferecer uma leitura que impedisse o rompimento. Mas o tempo passa, e, mesmo à distância, o processo de ler essa relação com o Rio continua sendo elaborado, até que uma nova compreensão se apresenta, então é preciso voltar e dividir com a cidade o novo entendimento.

Não sinto mais que estou longe de ti. Ao contrário: voltei a me sentir bem perto.

(...)

Só que, o meu *estar perto* e hoje é bem diferente do meu *estar perto* de ontem.

(...)

Porque o tempo passou, meu querido.

E porque eu não sou mais a menina a quem você deu o título de campeã na praia, nem a adolescente que viveu tanto namoro exaltado contigo, nem a mulher que se enciumava, se irritava, reclamava, a mulher que vivia contestando tudo – eu, agora, te amo de um jeito novo, diferente; de um modo mais meditativo; fingindo, às vezes, que nem vejo nem sinto as tuas neuras (...)

E, também, porque eu entendi melhor o cerco.

(...)

Cerco! ( Eu, hem? Será que a gente não tá mais falando a mesma língua?)

Faz tempo que você vem sofrendo o cerco que se aperta em torno dos superdotados. O cerco dos que te assediam, que te exploram, que te aviltam, degradam, e – quantas vezes! – em nome do encanto que têm por ti.

Tem dias, que eu acho que você vai vencer o cerco, neuras, violência, tudo!

Outros dias, te confesso, acordo menos otimista...

Mas, de um jeito ou de outro, você tem sido tão parte de mim, da minha vida, que eu acabo sempre fechando contigo. E cruzando meu dedo pra você dar a volta por cima de tudo que é crise.

Se tive dúvidas, já não tenho mais: sem você eu sou bem menos eu. (p.69-70)

Os fatos são os mesmos, mas o leitor ( Lygia) pode reconstruir sua leitura, re-significar os dados, reordenar sua visão de mundo, logo a leitura da cidade se transforma, novas relações se estabelecem, destacando-se a questão da identidade e da memória. Por mais que a cidade hoje seja diversa da cidade ontem, também a menina que a descobriu não é mais a mesma. As mudanças ocorridas no sujeito (Lygia) estão ligadas às mudanças da cidade, portanto se estabelece uma relação de identidade que não pode ser negada, ou abandonada, não se pode partir de si mesmo. A interação do sujeito e do espaço social – representado – pela cidade é o que constrói a memória e a identidade desse sujeito, isso não pode ser deixado para trás, pode sim ser reorganizado, pode ser compreendido por um viés diverso. É preciso integrar-se a sua paisagem para agir, para transformar, para dar e fazer sentido.

Não parece coincidência que *O Rio e eu* tenha sido publicado, apenas, um pouco depois de *A cama* – ambos em 1999 . *A cama* é uma narrativa ficcional, a única obra de Lygia a estampar na capa uma designação de gênero: romance. Talvez, justamente, porque possa ser tomada como uma escrita paralela a *O Rio e eu*. O fato é que, também, em *A cama* a cidade e seus contrastes estão presentes. Aliás, esse é um livro muito interessante na obra de Lygia porque nele se enunciam quase que todos os temas polêmicos e ligados a experiências sociais que a autora discutiu em seus outros textos.

As novas relações familiares estão representadas pela família de Elvira. Rosa, sua filha mais velha, resolve viver com o namorado, dispensando a idéia de casamento, tão cara

à mãe. Ainda na família de Elvira, vemos ecos de *A bolsa amarela*, Petúnia é a irmã mais nova, tem cerca de onze, doze anos, portanto é a menos ouvida, não tem nem mesmo direito a um quarto na casa, como a própria personagem diz “vive em trânsito”. No encontro de Américo e Roberta, pai e filha, se explora a relação do poder econômico – o pai que acha que o dinheiro compra tudo, até mesmo afeto e respeito. A família de Tobias vem representar as constantes mudanças econômicas na sociedade que fazem com que muitas famílias vivam o drama do empobrecimento e da falta de recursos e esperança para voltarem a viver dignamente. Maria Rita traz para o texto o grito da miséria e da fome, que leva o ser humano a se afastar de todos os valores que lhe são caros na desesperada tentativa de sobreviver. O elo que permite que todas essas histórias se encontrem é justamente um objeto: a cama.

O objeto é um dos sujeitos da história por aquilo que representa. Simbolicamente, a cama é, para a família de Zecão e Tobias, a esperança de uma vida melhor. Sendo o único elemento onde se concentra a memória da família – uma família que lá na sua origem distante teve dinheiro e poder e que, nos dias de hoje, vive na luta cotidiana de fazer o dinheiro chegar ao fim do mês. A tradição de manter a cama na família, geração após geração, é um modo de guardar essa memória, registrar e passar adiante essa história que encerra, ao mesmo tempo, o drama de perder e a possibilidade de conquistar, um dia, uma qualidade de vida que os antepassados puderam aproveitar.

A cama é vendida por Maria Rita, desesperada por não ter como alimentar o próprio filho, o compromisso familiar lhe parece perder força e valor. Essa venda vai ligar duas pessoas que estavam “marcadas” pela própria divisão da cidade a nunca se encontrarem: Petúnia e Tobias – a menina da Zona Sul e o menino de Rocha Miranda. Os dois, ignorando preconceitos, divisões de classes, zona norte ou zona sul, estabelecem um novo pacto – em torno da cama – : Petúnia promete a Tobias que vai recuperar a cama para ele.

A menina que até então só tivera de lutar por um quarto em sua casa tem de sair para a vida, enfrentar pessoas, se expor, brigar, fazer acontecer. E faz, a promessa se cumpre, o novo pacto se realiza, dois pontos da cidade se unem e, ao devolver a cama a Tobias, Petúnia lança uma previsão de futuro que sua história pode tornar possível:

- Te amo – ela disse baixinho no ouvido do Tobias.  
 (...)  
 Um toque de buzina separou o abraço.

- Mas, Petúnia, como é que...  
 - Depois eu te conto tudo. Eles tão com pressa. – Apontou pra cama: – Trata bem dela: vai ser da nossa primeira filha.

A cara do Tobias se abriu numa expectativa feliz. Mas nem deu pra mostrar alegria nenhuma pra Petúnia : ela já tinha corrido pro carro e acenado um tchau da janela. (p.169)

A cidade partida por diferenças sociais e econômicas enunciadas por Zuenir Ventura e já ilustrada em *O Rio e eu* é palco para esse encontro, nesse cenário se apresentam todos os elementos de uma sociedade em crise de valores, aparência no lugar do que é essencial, preconceitos vindo antes do desejo de conhecer as pessoas e entender sua realidade, o desejo do lucro, do poder sobre o outro, se manifestando nas relações humanas. Se há uma abertura para uma nova leitura da cidade e das suas relações sociais ela vem justamente do olhar sincero e despojados que Petúnia e Tobias lançam um sobre o outro, são apenas dois jovens que, de fato, vivem um momento de encontro, então há uma possibilidade de que as coisas mudem. Há uma nova leitura para essa cidade e para as relações que nela e com ela se vai estabelecer. Não há soluções mágicas, mas há o homem, o ser humano, e o seu poder de ler além do que os outros escrevem, registrando assim outra história, sua própria história, sua leitura da vida.

É esse tipo de leitor que a obra de Lygia é capaz de formar, é justamente isso que sua obra propõe. Apagar fronteiras, estimular a troca de lugares, gerar movimento, centrar suas histórias em experiências fundamentais e cotidianas ao ser humano, tratar a arte como um espaço onde a transformação está implícita, buscar a intimidade no texto, aproximar leitor/leitura e personagens/autora, todos esses recursos de que falou até aqui apontam para a formação de um leitor crítico, sujeito de seu processo de leitura, consciente, reflexivo. E é nesse sentido que a transformação está posta na obra de Lygia, naquele viés que Rachel é capaz de perceber quando conhece a loja dos consertos e percebe que não há necessidade de se viver num mundo de lugares marcados – tudo e todos – podem e devem estar em movimento, trocando suas tarefas. O Leitor de Lygia, com maiúscula como sugere Lourenço, é cidadão e está inserindo sua experiência na experiência coletiva, sabe que seu papel não é marcado, mas depende das relações que se vão estabelecer no encontro com o outro.

Nesse sentido *Nós três* e *O Abraço* ganham também uma nova possibilidade de leitura, é preciso olhar o mundo, também, como um espaço onde nem sempre as relações

são possíveis, onde nem sempre se faz a leitura, onde, muitas vezes, não há lugar para a esperança – como no dia em que Lygia se despede do seu Rio, certa de que não é mais possível conviver com ele. O Leitor de Lygia não é um ser redimido nem redentor, é um ser que lê e relê sua própria experiência e a do mundo a sua volta, às vezes encontra a chave, outras vezes desenha no escuro, com um pedaço de giz, a saída; outras, saca da bolsa uma nova história que ajuda a levar a vida, ou atravessa numa corda bamba os sofrimentos do cotidiano; pode usar uma máscara para disfarçar o medo ou transformar suas dúvidas num teatro, ou pintar sua vida com as cores do seu coração; não importa. O que vale mesmo é procurar a próxima tarefa e estar pronto para a troca.

Lygia não se coloca de outra forma diante do processo de produção de sua obra, também ela foi alterando seu papel nesse processo, viveu e vive essa troca de tarefas. Da autora que assim se assumia, disfarçando sua voz sob a de outros narradores, da escritora que não queria que ninguém descobrisse a sua vida se transformando em suas histórias, Lygia passa a condição de leitora e dividi essa experiência com seus leitores. Mais adiante vai misturar-se com seus personagens, assumindo não só seu papel de autora identificada com a narradora do texto, como também o de personagem de suas próprias histórias. Não satisfeita de tanto trocar papéis, vai buscar o seu lado artesã e vai fazer seu livro à mão. E agora, mais uma troca, mais uma tarefa, Lygia resolve ser editora de sua própria obra, como ela mesmo diz : “... *queria ver se dava pra ficar todo mundo morando junto na mesma casa: eu, a Carolina e mais outros personagens: na CASA que eu inventei.*”

Essa casa é a sua editora Casa Lygia Bojunga onde, hoje, toda a sua obra está publicada. Seu projeto não é o de publicar outros autores, ela quer mesmo experimentar todos os papéis nessa tarefa de fazer os seus livros e nas suas edições está a marca de quem tem uma preocupação com a leitura e a literatura. Os livros têm um belo projeto gráfico, sem que isso onere demais os custos de edição e torne os preços proibitivos, em muitos livros as ilustrações foram reduzidas de modo que se tornassem mais significativas em diálogo com o texto, estando esse no lugar de “protagonista”. É como em *Paisagem*, leitor e escritor no mesmo barco, na mesma cena, personagens vivendo esse moto contínuo que é a tarefa de estar no mundo trocando idéias.